



REFLEXOS DA VIOLÊNCIA: UM OLHAR VOLTADO PARA A ESCOLA

Natalina Maia Barbosa¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa realizada sobre a violência intra e extraescolar, tal como vem sendo desenvolvido na Escola Estadual Pedro Teixeira – Pracuúba-AP. Com a finalidade de compreender os fatores violentos, suas consequências e promover uma reflexão, procurou-se desenvolver uma análise através de relatos debatidos e recolhidos com os alunos nas aulas de arte nas turmas do ensino médio durante o ano de 2017, em busca de alternativas, e propostas para a aplicação de práticas na sala de aula, nas aulas de campo, nas reuniões de pais e responsáveis, nas atividades realizadas pelos alunos a partir de questões voltadas à compreensão de histórico de vida de pais, mães, e filhos de forma a levar os atores a encontrar estratégias e ações que promovam a redução da violência e sensibilizem um olhar para a educação com possibilidades de transformação social, a exemplo do que tem acontecido na educação, de maneira geral, constatou-se o problema da violência e indisciplina. Alguns episódios violentos ocorridos na instituição por parte de alunos com grande repercussão até mesmo vinculados na mídia local e canais de reportagens. No primeiro deles, estaria a violência propriamente dita, cuja definição mais se aproxima daquela do senso comum, representada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo etc. O segundo seria o das incivildades, cuja forma de expressão seria as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito etc.

Palavras-chave: Violência, Subjetividades, Indisciplina.

INTRODUÇÃO

A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos, nas ações nas opções tomadas por indivíduos e por instituições. É um desafio social a ser enfrentado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações, bem como refletir sobre as formas de violência presentes nas escolas, tanto aquelas que se originam em diversos espaços sociais e que invadem o espaço escolar quanto aquelas que na escola germinam e dão frutos que repercutem no cotidiano e na vida social de uma forma mais ampliada.

¹ Graduando em Educação Artística. Especializada em Docência do Ensino Superior.
natalinamaiabarbosa@gmail.com



Todos os dias nos chegamos, através da mídia, notícias dos mais variados tipos de violência vivenciados na sociedade brasileira e, mesmo no âmbito internacional. Particularmente observam-se, dentro das escolas, crianças, adolescentes e jovens cometendo infrações que se caracterizam por agressões verbais, físicas, pichações, *bullying* e furtos. Estes tipos de comportamentos, além de despertar o interesse em compreender o fenômeno da violência de forma ampla, por parte das autoridades competentes, exigem também, daqueles que se dedicam à esfera educacional, um olhar mais atento e observador, quanto aos comportamentos dos estudantes, suas manifestações e consequências no cotidiano escolar.

O desconforto ao se tratar sobre violência é fácil de entender, pois levar temas como medo, agressividade, drogas para a sala de aula não parecem combinar com o papel construtivo e pacificador da escola, igualmente não é nada simples identificar a violência, pois cada um tem uma concepção e percepção, sobre o tema, para si, a partir da captação de diferentes perspectivas, isso possibilita uma infinidade de compreensões acerca da violência. Mas, ao pensá-la, há que sempre lembrar de que a sua compreensão acompanha as mudanças através dos tempos e dos lugares. As fronteiras da violência no tempo e no espaço se tornam difíceis de serem definidas. É por isso que, muitas vezes a violência é confundida com agressão e indisciplina quando se manifesta na esfera escolar.

É necessário uma educação para a paz, que se construa junto com os alunos, com a participação da comunidade escolar, para que eles sintam-se também responsáveis pela escola e vejam nela não somente um lugar onde se aprende as matérias do currículo e sim se formam cidadãos, sujeitos de suas próprias histórias. As comunidades escolar e não-escolar devem se conscientizar sobre as formas de violência e suas consequências na vida dos indivíduos, bem como lhe oferecer condições de análise quanto à influência dos inúmeros fatores de violência externos, os quais refletem no comportamento de crianças, adolescentes e jovens na vida escolar, fornecendo subsídios para que os educadores identifiquem e busquem minimizar ou solucionar os mesmos, construindo assim outras pretensões acerca do melhor enfrentamento dessa problemática.

A ideia, nessa perspectiva, foi iniciada a experiência na Escola Estadual Pedro Teixeira no município de Pracuúba-AP, em outubro de 2017, na condição de professora do Sistema Modular de Ensino, tendo como objetivo identificar e analisar os problemas já existentes no ambiente escolar, se as formas de violência eram de fácil percepção, as



formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito nem sempre são percebidas e muitas vezes, podem ser ainda mais graves, por conta da invisibilidade desse tipo de agressão, pois contribui para gerar um ambiente de segregação dentro da escola com grupinhos marcando seu campo e seu espaço pela violência.

A pesquisa justificou-se pelo fato de ser uma possibilidade de contribuir para o conhecimento sobre um tema tão polêmico, mas também tão expressivo em quantidade e qualidade, podendo subsidiar reflexões sobre o que é violência, os elementos causadores e de que forma educadores e comunidade podem trabalhar para amenizar o problema, assim, apresentamos esta publicação, a qual foi fruto da experiência acumulada nos estudos sobre a violação do direito básico à educação que discute temáticas, como, bullying, preconceitos e atitudes discriminatórias em relação à raça, diversidade sexual, violência sexual, violência doméstica, uso de drogas, desejando que seja capaz de dar visibilidade a essa temática e colaborar para semear práticas educativas mais inclusivas, acolhedoras e promotoras de um ambiente escolar pacífico.

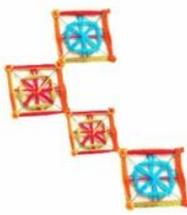
METODOLOGIA

Diante da realidade colocada e diagnosticada, após a aplicação do instrumento de pesquisa, um material cujos relatos são feitos de forma livre (memorial realizado pelos alunos) constatamos que o instrumento utilizado foi relevante na medida em que conseguimos através dele tomar posicionamentos sobre os motivos da violência intra e extraescolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao se estudar o fenômeno da violência, nos mais diversos ambientes, depara-se com um problema conceitual, pois a definição, do que é ou não violência, é bastante polêmica no meio acadêmico. Não há um consenso sobre sua conceituação assim também, como é difícil demonstrar e identificar as possíveis razões que originaram este fenômeno.

Segundo Abramovay *et al.*, que como vários autores pesquisadores, afirmam que definir o conceito de violência é difícil. Por isso, defendem e utilizam em suas pesquisas



a definição de violência em seu sentido amplo, afirmando que “violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Enquanto categoria, nomeia práticas que se inscrevem entre as diferentes formas de sociabilidade em um dado contexto sócio cultural e por isso, está sujeita a deslocamentos de sentidos.” (ABRAMOVAY *et al.*, 2006, p.54).

Deve levar em consideração o relato dos que se declaram vítimas de tais atos, sendo que a noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro (ABRAMOVAY *et al.*, 2002, p.17).

A autora divide o estudo da violência em violência direta, indireta e simbólica, sendo que a direta seria a violência física, que acarretam prejuízo à integridade da vida humana. A indireta seria aquela ligada a ações coercitivas que impliquem em danos à integridade psicológica ou emocional. Por fim, a violência simbólica é definida pela autora como sendo o conjunto das relações que restringiriam o indivíduo nas suas ações, pensamento ou consciência.

Bernard Charlot (2002), ao tratar do tema, realiza-o de forma a estabelecer várias categorizações, sendo elas a violência, a incivilidade, a transgressão, a agressão e a agressividade. Ele defende esta diferenciação para tornar o conceito possível de ser utilizado, afirmando ainda que este fenômeno deve ser estudado de maneira ampla.

Em relação ao acima afirmado, Charlot (2006, p. 18) defende que:

Não há vida humana sem frustração e lá onde há frustração há também agressividade, pois uma gera outra. E lá onde há agressividade, há conflito. Portanto, em síntese, não há vida humana sem frustração, sem agressividade, sem conflito. Se se considerar que há violência cada vez que se encontra uma situação que causa mal-estar, que incomoda, frustra, machuca, ter-se-á de admitir que a vida toda é uma violência. Essa é uma postura filosófica, possível de ser adotada (próxima a essa é a filosofia de Schopenhauer, por exemplo). Nesse caso, porém, o conceito de violência passa a ser inutilizável, por ser diluído: quando tudo é uma violência.

Como sair deste conflito? Como aplicar este conceito sem restringi-lo demais ou super ampliá-lo? Para tentar sair desse problema o autor aponta a diferenciação em níveis de gravidade de um determinado fenômeno, em que formas mais ou menos graves de violência, ou seja,

quando se trata dos polos do conceito, não é difícil dizer o que é mais grave e o que é menos; por exemplo, é inegável que o homicídio seja mais grave que um silêncio de desdém. Mas logo que se afasta dos extremos, faz-se difícil encontrar um consenso acerca do critério da gravidade. O que é pior, receber um murro ou sofrer um insulto racista? A resposta não é evidente e varia conforme as pessoas interrogadas (CHARLOT, 2006, p.19).



Outra saída apontada por Charlot (2002), seria a definição feita pelas vítimas, a mensuração do ambiente e de como estão vivendo estas vítimas, mas com algumas ressalvas. A primeira seria a de que essa abordagem não permite definir medidas sociais e políticas de combate às violências, pois tais medidas requerem um mínimo de consenso sobre o que é uma violência. Quem quer prestar uma queixa na delegacia ou obter uma proteção da diretora da escola deve alegar um motivo mais objetivo que o olhar ameaçador do vizinho ou a falta de respeito do colega (CHARLOT, 2006).

Sendo assim, o autor defende a posição de que deve haver uma predeterminação conceitual das categorias que compõem a ideia de violência, para torná-las passíveis de mensuração e para que elas possam ser utilizadas na elaboração de possíveis soluções para tal problema.

Outra ressalva colocada por Charlot (2006) seria a de restringir as dimensões ao perceber o fenômeno: considerá-lo em suas várias dimensões e níveis, seja macro ou micro. Como já explicitado acima, Charlot faz o uso de diferenciações conceituais. São elas a agressão, a agressividade, a incivilidade, a violência instrumental e a agressão como uma forma de violência que foi denominada de “sintomática”. A agressividade estaria relacionada a uma reação biopsíquica, em que numa situação de frustração, por exemplo, desencadearia um processo de angústia que, por conseguinte, levaria a uma reação de agressividade, inerente ao ser humano, não sendo possível evitá-la. Dessa forma, a agressão estaria relacionada ao ato “que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredire* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo)” (CHARLOT, 2006, p.21).

A violência, então, seria uma faceta deste tipo de reação, uma característica deste ato, por enfatizar o uso seja da força física, do poder ou da dominação. Outra distinção feita pelo autor seria entre a violência, que são atos praticados em desacordo com a lei; a transgressão, que estaria ligada à infração das normas de um determinado estabelecimento, no caso do presente trabalho a escola, sob forma, por exemplo, da incivilidade, aquela que fere as normas de boa convivência entre os indivíduos, portanto, esta distinção é

particularmente útil, não só porque admite não misturar tudo em uma única categoria, mas também porque designa diferentemente lugares e formas de tratamento dos fenômenos. Assim, um tráfico de drogas não depende de um conselho de disciplina do estabelecimento, mas de polícia e da justiça; inversamente, um insulto ao ensino deve ser tratado pelas instâncias do estabelecimento e não justifica que se chame a polícia. Quanto à incivilidade,



ela depende fundamentalmente de um tratamento educativo (CHARLOT, 2002, p.436).

Reiteramos que tais definições não são absolutas, pois se assim fossem tratadas, tornariam o trabalho impossível. Contudo, o pesquisador afirma que sem elas, o trabalho se tornaria um tanto quanto ainda mais dificultoso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados recolhidos nessa pesquisa estão expressos através da apresentação dos relatos dos alunos.

Aluno A - “Quando eu nasci minha mãe ia me abandonar no mato devido eu ser fruto de um estupro, mas minha avó me pegou para criar, minha mãe foi embora, casou, construiu uma família, mas nunca me procura não me deu amor nem carinho. A tristeza toma conta da minha vida,... espero um dia encontrar com minha mãe e superar esse problema para seguir minha vida”.

Aluno B - “Eu estou sendo abusada já faz um ano e alguns dias, já fui estuprada, por um conselheiro tutelar aqui da comunidade que é casado, tem três filhos e é meu vizinho, por isso vivo chorando, estou doente com gastrite, sinto vontade de me matar já cheguei até mesmo a cortar meus pulsos, pois não tenho coragem de contar para minha mãe e nem para o meu pai”.

Aluno C - “O dia pior foi quando eu fiz 13 anos, eu vi meu pai batendo na minha mãe toda vez que ele bebia fazia isso, um dia ele me bateu muito e eu passei dias trancada dentro do quarto, depois disso fui morar com a minha avó, minha mãe se separou e arrumou outro marido... um dia eu fui pescar e meu padrasto foi também, ele colocou a mão na minha boca, tentou tirar minha roupa, eu comecei a lutar com ele, nesse momento chegou gente e ele me largou, eu não consegui falar pois estava com vergonha... eu cresci e ele me chama de machinho pois não consigo gostar de namorar meninos”.

Aluno D - “Eu tenho muita responsabilidade, pois tenho que trabalhar para ajudar minha mãe no sustento da família, devido ao meu pai ter sofrido um acidente e não poder trabalhar, ele caiu de moto pois estava bêbado... eu não tenho muito tempo para estudar, não consigo dormir direito e acordo muito cedo”.



Aluno E - “Estou muito triste, pois perdi o meu tio que era meu ídolo, ele era muito bom sempre me ajudou em tudo, eu fui criado um pouco com minha tia, não conheci minha mãe além dela ter me abandonado eu soube que ela faleceu e eu nunca a vi nem por foto... Já sofri muito na escola pelo fato de ser magro, me colocaram em um saco e jogaram no lixo aqui na escola”.

Aluno F - “Um dia meu tio tocou fogo na nossa casa e deu três tiros no meu pai, mas meu pai não morreu e meu tio foi preso, eu tenho vontade de me vingar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na questão da violência extraescolar apareceu nos relatórios a emblemática realidade do uso indiscriminado de drogas lícitas e ilícitas entre os familiares, responsáveis e os próprios alunos e alunas, o que é também um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar e baixo desempenho. Um aluno relatou que gosta de ficar na escola para não ficar em casa, pois o pai é alcoólatra e na casa não tem o que comer e nem consegue trabalhar, se sente sem forças. Iguais a ele existem outros, mas não revelam a situação e demonstram a revolta nas atitudes violentas e de indisciplina constante e se não conhecemos o histórico do aluno/a o excluimos com as constantes atas e idas à secretaria da escola. É preciso conhecer melhor os/as alunos/as nas suas subjetividades e estabelecer ações pontuais e em casos como o do aluno acima citado é preciso uma ação partindo da escola em sua defesa e proteção, envolvendo outras políticas públicas, do contrário, perpetuará a contínua omissão e conivência com as negações de seus direitos.

Ainda sobre a violência extraescolar, constatamos que o consumo de álcool uma das drogas lícitas mais consumidas, é extremamente exagerado e sem controle, inclusive pelos adolescentes e jovens, com idade cada vez menor. O colégio é situado em uma zona rural, não existem áreas de lazer, cultura e esporte, além da precária quadra do colégio, o que lhes resta é tomar bebidas alcólicas nas esquinas, balneários sem nenhum pudor e medo. Identificamos um caso de aluno preso na saída da escola, portando drogas para venda.

Foram também relatadas nas pesquisas como violência extraescolar as agressões domésticas entre companheiros e entre os irmãos. O papel da escola nestes casos é bem



delicado, pois as vítimas vivem o pânico e o medo constante. Os educadores, de modo especial a equipe pedagógica e direção, devem estar atentos e conhecer a legislação vigente, como já foi mencionado, do modo especial a Lei Maria da Penha, e locais de atendimentos para situações de violência e agressões domésticas que afetam alunos e alunas e influenciam os resultados escolares, bem como a carência afetiva muito presente na vida desses educandos com marcas visíveis de mágoas, isolamentos e retraimento uma lacuna a ser preenchida que deveria ser trabalhada com a ajuda de terapeutas ou psicólogos muito embora nas apresentações dos trabalhos os desabafos tornaram-se uma forma de libertação para tais problemas.

A violência e indisciplina interna são bem sintomáticas e a escola é o espaço da aprendizagem onde se devem trabalhar outros valores e conceitos, demonstrações de violência em geral é uma resposta a um conjunto de humilhações silenciosas, que ocorrem todos os dias no ambiente escolar e fora dele.

Para finalizar, fica a ideia de que a partir do momento no qual fenômenos violentos e discriminatórios deixam de ser silenciados e passam a ser discutidos no coletivo, atitudes de criminalização da indisciplina, e fracasso escolar acabam sendo ressignificadas pelos educadores no âmbito escolar e práticas repressoras, excludentes e punitivas ganham uma nova perspectiva, voltada para uma compreensão mais ampla do sistema econômico, político, social e cultural, enquanto macro estruturas relevantes e determinantes da constituição dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escolas de paz**. Brasília: Unesco, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Sedh/MEC, 2005.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2006, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 24. nov. 2017.